

Um outro de si

Roberto Conduru

É comum procurar representações do outro e de si em retratos e autoretratos, sejam eles feitos em pintura, escultura, desenho ou fotografia. Contudo, também é possível representar outras pessoas e se representar por meio de coisas e práticas humanas as mais diferentes, algumas bastante insólitas. Nesse sentido, podemos entender como representações de si, autoretratos, o cartão de visita de Jorge Rodrigues e os sacos de papel dentro dos quais ele entregava aos clientes alguns dos objetos que produzia.

Para isso, é preciso recuperar um pouco de sua trajetória profissional. Na segunda metade da década de 1980, canivete na mão, Jorge Rodrigues começou a desbastar as sobras de madeira, que encontrava nos canteiros de obras da construção civil em que trabalhava como vigia noturno, dando vazão ao seu imaginário. Incentivado a desenvolver o trabalho artístico, ele seguiu um percurso autodidata. Ampliou o instrumental, mas continuou com a madeira, usando-a tanto em blocos dos quais fez surgir figuras, quanto em placas que entalhava para gerar imagens a partir da impressão com tinta sobre papel.

Além de Escultura e Gravura, em seu caminho ele procurou África. Em 2003, ele escreveu que seu trabalho tinha como foco o “resgate do fazer afro, resgatando não só o fazer, mas o sentir, viver e pensar o consciente e o inconsciente, o profano e o sagrado de uma raça ancestral presente hoje numa diáspora brasileira, que por vários motivos perdeu seus sentidos e seus sentimentos”.

Para chegar à África, ele não atravessou o oceano Atlântico. A alcançou e experimentou após cruzar os Arcos da Lapa, que ligam Santa Teresa, bairro onde ele morava e tinha seu ateliê, ao centro da cidade do Rio de

Janeiro, para consultar livros, documentos e obras de arte na Biblioteca Nacional e no Museu Nacional de Belas Artes. Navegou também por outros mares, auxiliado pelas histórias, memórias e imaginações de pessoas dos muitos terreiros religiosos para os quais passou a produzir peças para usos em rituais (ofás, oxês, abebés, ibás, gamelas, chaves, esculturas) e ornamentos para usos excepcionais ou cotidianos (colares, pulseiras, brincos, anéis), além de objetos diversos, como chaveiros e abridores de cartas, entre outras pequenas coisas.

J. Rodrigues, como passou a se denominar, encontrou a África em processos intersubjetivos. Encontrou-a em coisas e instituições, nos outros e em si. Em verdade, ele não a encontrou pronta, pois, ao querer ver, pensar e figurar África, se engajou no processo de "criação de uma África singularmente brasileira", como disse Livio Sansone. Em certo sentido, criou uma África particular, singularmente sua, vislumbrada a partir de seus objetos, informados por culturas artísticas, religiosas e outras. Simplificando muito o processo, pode-se dizer que de vigia negro ele se transformou em artista afrodescendente.

Mudança representada em seus cartões de visita e sacos de papel. Neles aparece gravada a imagem de uma figura humana agindo sobre um volume, a qual sugere o escultor atracado à sua matéria. No cartão de visitas, além de sua assinatura, seu endereço residencial e número de telefone, há duas impressões de topo que, como a imagem do escultor, diferenciam cada um dos cartões. No saco de papel, além do telefone, há outra figura, maior, algo estereotipada, reminiscente de esculturas africanas e afrodescendentes que ele provavelmente viu em livros, exposições e terreiros. Figura que, à maneira das histórias em quadrinhos, parece falar algo por meio de uma mancha que lembra o mapa do Brasil e/ou da África. Ambigüidade coerente com o processo por meio do qual ele criou um outro de si.

Obras do(a) autor(a)

Jorge Rodrigues. Sacos, impressão sobre papel, 24 x 10,5 cm.

Jorge Rodrigues. Cartão de visita, impressão sobre papel, 9,5 x 5,5 cm.

REFERÊNCIAS:

Livio Sansone. Negritude sem etnicidade. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

sobre o(a) autor(a):

Roberto Conduru é historiador da arte, professor no ProPEd e no PPGARTES, diretor do Instituto de Artes da UERJ, membro e atual presidente do Comitê Brasileiro de História da Arte, pesquisador pró-cientista da UERJ, Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ e bolsista de Produtividade do CNPq.